

A MERCANTILIZAÇÃO DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E O PAPEL DO ARQUITETO NA ATUALIDADE

FIGUEIREDO, Maria Paula Fontana.¹

PORTES, Vinícius Lora.²

OLDONI, Sirlei Maria.³

Resumo

O presente estudo busca contextualizar a arquitetura contemporânea a partir da ótica da função que o profissional exerce nos dias atuais. O intuito de entender como acontece a relação entre a criação e sua comercialização nortearam a busca por referências teóricas que fundamentam a discussão. O debate aponta para questões éticas e comportamentais, onde os valores de mercado se sobrepõe aos valores profissionais. Desta forma busca-se uma melhor compreensão do papel do arquiteto na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura contemporânea, Mercantilização, Mercado imobiliário.

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura contemporânea tem se relacionado com o mercado imobiliário de maneira diferente do que acontecia outrora. Em outros períodos da história quando estilos específicos estavam em ascensão (por exemplo, o modernismo), a criação precedia a venda, de maneira que havia uma clara divisão de funções: criar e vender. Este trabalho pretende compreender de que maneira esta relação acontece na atualidade e como a relação entre criação e venda se comporta.

Partindo da reflexão de alguns autores, busca-se responder ao problema: de que maneira a arquitetura contemporânea vive um processo de mercantilização?

¹ Graduanda do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: mariapaulafigueiredo@hotmail.com

² Graduando do 9º período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: viniciusportes.arq@gmail.com

³ Professora mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Mahfuz (2005) nas duas últimas décadas há uma crise disciplinar que atinge a arquitetura, cujas consequências atingem a produção do ambiente construído. Entre as possíveis origens para esta crise estão o fenômeno da globalização e “a consequente infiltração e predominância dos valores do mercado na maioria das atividades humanas parecem ser as mais importantes”. Ainda de acordo com o autor, os edifícios passam a ser tratados como objetos de consumo seguidores de modas ou tendências. Afirma:

Num mundo em que a glorificação da personalidade individual é um valor importante, o novo perfil do arquiteto e urbanista o define mais como homem de negócios do que profissional da arquitetura. "Construir uma imagem" passa a ser o mais importante de tudo e o próprio trabalho perde relevância coletiva, tornando-se um pretexto para atingir metas pessoais. O arquiteto globalizado acredita que prestação de serviços significa rendição quase total ao cliente e ao mercado. Com isso, abre mão da dimensão cultural e social da arquitetura. (MAHFUZ, 2005, on-line)

Batista (2017) apresenta que a massificação de obras que reproduzem estilos passados, alimentando um mercado de clientela cujas vontades individuais devem ser satisfeitas através de fachadas erroneamente chamadas neoclássicas, que em nada condizem com a realidade no interior destes empreendimentos, que dão lugar à automatização e à tecnologia. O questionamento destes fenômenos, segundo o autor, devem ser feitos pelos arquitetos, que além disso devem buscar uma aproximação do mercado arquitetônico de maneira a reforçar perante ele a importância do profissional arquiteto sobre produção das paisagens urbanas.

Neste último quarto de milênio, como afirma Mouzon (2013) valores como rapidez e economia são os principais em termos de negócios. E assim se espera também na arquitetura. Segundo o autor não se trata apenas de reformular o mercado, mas de formular a si mesmo. Afirma:

Acredito que esta nova era que está despontando será conhecida como a Era da Ideia, e me parece que estes três valores que regem a indústria há 250 anos estão se transformando em paciência, generosidade e conectividade. Portanto, não se trata apenas de reformular nosso mercado, mas reformulamos nós mesmos. (MOUZON, 2013, on-line)

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada foi a revisão bibliográfica, através da consulta de artigos, livros e materiais digitais para, desta forma, analisar a problemática proposta. De acordo com Romanowski e Vosgerau (2014) o método bibliográfico permite ao pesquisador, através das fontes revisadas, a elaboração de ensaios que favorecem a contextualização, problematização e uma primeira validação de determinado quadro teórico.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Ao longo da história percebeu-se que o papel do arquiteto sempre envolveu a adaptação do modo de projetar de acordo com as transformações de cada época. As tecnologias construtivas e as ideologias de cada momento aparecem como base do processo criativo em diversos momentos. No modernismo por exemplo a tecnologia do concreto e o momento pós revolução industrial culminaram nas obras de grandes arquitetos que ainda hoje são reconhecidas.

Nos dias atuais além dos fatores citados, aparecem com grande peso sobre a criação arquitetônica as questões de mercado. Não apenas na compra e venda de materiais, mas na comercialização dos edifícios como um todo. Ainda que este seja um novo momento para se tirar partido das transformações a mercantilização da arquitetura anulou o peso conceitual das obras, fazendo com que o mercado imobiliário dite o caminho estético das edificações. Além disso, a influência da iniciativa privada sobre o ambiente construído afeta o espaço urbano bruscamente, criando obras de grande escala com acesso privado, esmagando o espaço comum entre grades e muros.

Entre as diversas mudanças que culminaram na mercantilização da arquitetura é a postura dos arquitetos e urbanistas. Mesmo com toda a responsabilidade que repousa sobre as costas do profissional, ele não é mais valorizado no cenário brasileiro, pode-se dizer que isso decorre de uma crise ética generalizada, que se coloca entre o indivíduo e sua função, de forma que o profissional não é valorizado e nem se valorizado.

Os arquitetos (aqui fala-se de uma amostra majoritária, respeitando sempre os que ainda se mantém íntegros na sua profissão) se deixam seduzir por programas de prêmios e comissões de vendas, de maneira que se torna apenas um mediador entre cliente fornecedor. A conduta ética de direcionar e orientar seu cliente pensando não só nas suas vontades, mas também no impacto que elas podem exercer sobre a sociedade, foi deixada de lado e o gênio criativo dá vez ao vendedor de projetos.

Montaner propõe como reação contra a falta de contexto de ausência de valores:

[...] o renascer da crítica radical e engajada, relacionando com o desenvolvimento de novos métodos pedagógicos; a defesa do urbanismo e da arquitetura informal e a intensificação da arquitetura ecologicamente sustentável, entendida como aquela que faz o uso adequado dos recursos naturais. (MONTANER, 2016, p.08)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mercantilização da arquitetura e o papel do arquiteto na atualidade são fenômenos que entrelaçam, de maneira que um exerce influência sobre o outro. Com os pontos de vista anteriormente apresentados, pode-se concluir que o verdadeiro papel do arquiteto permanece o mesmo ainda que mudanças históricas tenham acontecido: tirar partido das transformações e mudanças, usando-as a seu favor no embasamento de uma criação plena, sem que ela seja ditada pelo mercado imobiliário.

Desta forma, pode-se concluir que a arquitetura contemporânea vive um processo de mercantilização, a medida que o mercado exerce sobre ela e sobre seus profissionais uma influência que deveria existir no sentido contrário. Aliada a forte influência do mercado sobre o profissional está a crise ética, que surge como um elemento facilitador da tendência mercantil da arquitetura contemporânea.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Fábio Domingos. **Opinião: construções “neoclássicas” não refletem Paris, são jogadas de marketing.** Gazeta do Povo. Publicado em junho de 2017.



MAHFUZ, Edson da Cunha. **Práticas de resistência nas fissuras da sociedade mercantilista.** Revista AU número 137. Publicado em agosto de 2005.

MONTANER, Josep Maria. **A condição da contemporânea da arquitetura.** São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

MOUZON, Steve. **7 razões pelas quais a arquitetura (como a conhecemos) está acabada.** ArchDaily Brasil. Maio de 2013. Disponível em
<<http://www.archdaily.com.br/br/01-112786/7-razoes-pelas-quais-a-arquitetura-como-a-conhecemos-esta-acabada>> Acesso em: 09 out. 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. Revista Dialogo Educacional, v.12, n.41, p. 165-189, jan/abr. 2014.